

O ENSINO DE GÊNEROS TEXTUAIS PARA ALUNOS DA EJA²³

Caroline Teixeira Medeiros Barbosa (UERJ)
cbarbosauerj@gmail.com

Vito Cesar de Oliveira Manzollilo (UERJ)
cesarmanz@globo.com

Ana Luisa Alves Vieira (UERJ)
analu_av@hotmail.com

Beatriz da Silva e Silva Ferreira (UERJ)
biassferreira@gmail.com

Bárbara de Brito Cazumbá (UERJ)
barbricaz@yahoo.com.br

RESUMO

No Brasil, a heterogeneidade da clientela da EJA é grande e, muitas vezes, não se sabe como agir diante dessa diversidade. Além disso, o ensino de português está atravessando uma crise, pois a tradição escolar não reconhece a multiplicidade do português falado, impondo a variedade de língua considerada correta. Portanto, o preconceito linguístico reflete o preconceito social. Nesse sentido, o melhor caminho para o professor de português talvez seja passar a ver os “erros” como “diferenças”, pois, de acordo com Bagno (2007), a noção de erro foi construída pelo homem sem uma explicação científica. Não se deve excluir a variedade linguística do aluno, mas, a partir do conhecimento trazido por ele para construir o padrão. Considerando esses pressupostos, elaboramos uma aula sobre gêneros textuais para uma turma de EJA na qual levamos em conta algumas competências apontadas por Maingueneau (2001), especialmente a comunicativa ou genérica, que nos permite lidar como convém com os diversos gêneros discursivos, partindo do pressuposto de que o falante consegue reconhecer e produzir diferentes modalidades textuais. Nossa tem três momentos: No primeiro, os estudantes são expostos a três textos de gêneros distintos que contêm a mesma mensagem, sendo levados a refletir sobre semelhanças e diferenças existentes entre eles. Logo após, trabalhamos o conceito de papel social, apontado por Bortoni-Ricardo (2005), mostrando que existem regras que podem ou não estar documentadas e que indicam como comportar em situações diversas. Finalmente, apresentamos a noção de gênero

²³ Agradecemos ao Prof. Dr. Ricardo Joseh Lima por sua contribuição na elaboração deste trabalho.

textual e realizamos uma atividade em que os alunos devem transformar uma canção em outro gênero.

Palavras-chave: Ensino. Gêneros textuais. EJA. Português.

1. Introdução

Muitas pessoas acreditam que não sabem falar bem o Português ou que a nossa língua é uma das mais difíceis de aprender, entretanto sabemos que todo falante conhece sua língua materna, por mais que esse conhecimento lhe seja inconsciente. Qualquer falante, por exemplo, julgaria a frase “queimar viu Maria bolo o” como agramatical, ou seja, como não pertencente à língua portuguesa. Muitos são os fatores que contribuem para a difusão dessa crença, dentre eles a tradição escolar, que, segundo Perini (1997, p.11), impõe ao aluno uma norma considerada a certa, a norma padrão.

Vemos que o ensino de língua portuguesa tem se tornado um grande desafio, pois cada vez mais a língua falada tem se distanciado da língua escrita, e, apesar de a variação linguística ser visível a todos, a escola ainda não reconhece a diversidade do português falado. Bagno & Rangel (2005, p. 64) afirmam que a educação linguística está passando por uma crise:

A educação linguística nas escolas brasileiras atravessa, no momento atual, uma crise inegável. Na verdade, ampliando o foco de análise, é possível dizer que é o panorama geral das relações entre língua e sociedade que exhibe uma série de distorções e mal-entendidos.

Talvez o melhor caminho para o professor de Português seja passar a ver os “erros” como “diferenças”, pois a noção de erro foi construída pelo ser humano e não possui uma explicação linguística. Se milhões de pessoas dizem “as menina” para se referir a mais de uma menina, é porque essa construção é possível de acontecer em nossa língua. O mesmo não se pode dizer da forma “menina as” – esta, sim, pode ser considerada um erro, pois não é uma possibilidade prevista pelo sistema, logo não a encontramos na fala de nenhum brasileiro. De acordo com Bortoni-Ricardo (2005, p. 9): “os chamados “erros” que nossos alunos cometem têm explicação no próprio sistema e processo evolutivo da língua. Portanto, podem ser previstos e trabalhados com uma abordagem sistêmica”.

Cabe ao professor conscientizar seus alunos das diferenças, em vez de simplesmente impor uma variedade da língua que é estranha ao discente. É papel da escola tornar o indivíduo capaz de se comunicar em

todas as situações, sejam elas formais ou informais. Para isso, os conceitos “certo” e “errado” poderiam ser substituídos por “adequado” e “inadequado”. De acordo com Bechara (2007, p. 14), “a grande missão do professor de língua materna (...) é transformar seu aluno num poliglota dentro de sua própria língua, possibilitando-lhe escolher a língua funcional adequada a cada momento de criação”. Não se pode excluir a variedade do aluno, mas partir do conhecimento trazido por ele para, através de comparações, construir o padrão.

Tendo em vista esses pressupostos, elaboramos uma aula sobre gêneros textuais para uma turma de EJA. Levamos em conta algumas competências apontadas por Maingueneau (2001), dentre elas a competência comunicativa ou genérica, que permite ao indivíduo se comportar como convém em diversas modalidades discursivas. Partimos do princípio de que o falante, mesmo que de forma inconsciente, consegue se adaptar, reconhecendo e produzindo diferentes tipos de gênero.

2. *Plano de aula*

2.1. Público-alvo

Elaboramos uma aula para alunos de EJA do ensino médio, inseridos em comunidades carentes.

2.2. Tema

Gêneros textuais

2.3. Objetivos

Desenvolver um conceito de gênero e tornar o aluno capaz de utilizar todos os tipos de gênero.

2.4. Descrição das atividades

No começo da aula, os alunos receberão uma folha contendo três textos de gêneros distintos que tratam do mesmo assunto.

BILHETE	CARTA	CONTO
Mãe,	Rio, 05 de maio de 2014.	Era uma vez uma princesa

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

<p>Tem um buraco enorme no meio da rua. Ta horrível pra passar. Não sai de casa hoje.</p> <p>Bjs, Joana</p>	<p>Excelentíssimo Prefeito,</p> <p>Gostaria de solicitar o conserto da Rua Cinco, pois existe um buraco que tem impedido os moradores de transitar. Desde já, agradeço.</p> <p style="text-align: center;">Joana da Silva</p>	<p>chamada Joana que vivia em um reino muito distante. Um dia, uma bruxa muito malvada lançou uma maldição, na qual um buraco foi aberto no meio do caminho, e todos que caíssem no buraco eram levados para um reino onde não havia magia.</p>
---	---	---

Após a leitura dos três textos, discutiremos com os alunos questões como: “Quais as semelhanças e diferenças entre os textos? Os textos são iguais? Eles tratam do mesmo assunto? Eu posso escrever para o prefeito do mesmo jeito que escrevo para a minha mãe?” Deixaremos que os estudantes deem sua opinião sobre o assunto e, então, começaremos a construir a noção de gênero. Trabalharemos com os conceitos de “adequado” e “inadequado” e mostraremos aos alunos que existem aspectos que cabem em um determinado gênero, mas que não cabem em outro. Por exemplo, em um conto de fadas pode haver fantasia, o que não é possível em uma notícia de jornal.

Em um segundo momento, introduziremos o conceito de papel social, que, de acordo com Bordoni-Ricardo (2005, p. 23), é “o conjunto de obrigações e de direitos definidos por normas socioculturais”, ou seja, em casa as pessoas podem exercer papel de filho, enquanto no trabalho exercem papel de chefe. O comportamento, a linguagem e as atitudes do sujeito vão depender do contexto em que ele estiver inserido. Para que fiquem claras as diferenças linguísticas que encontramos em diferentes contextos, os alunos serão divididos em grupos e farão uma breve encenação ilustrativa dos diferentes papéis sociais desempenhados por eles na sociedade.

Em seguida, explicaremos que existem regras que determinam as ações que são realizadas em todos os papéis sociais e que elas podem estar documentadas, como no caso de um tribunal de júri. Diremos que também existem regras que determinam o que pode ou não aparecer em um gênero e mostraremos o seguinte quadro:

Aspectos tipológicos	Definição	Exemplos
Narrar	Apresenta uma sucessão de eventos, há sempre um antes e um depois, uma situação inicial e uma final. Há predominância dos verbos de ação.	Contos de fadas, fábula, lenda, narrativa, piada, conto, crônica, relato, diário, testemunho, biografia.

Descrever	Apresenta propriedades, qualidades, elementos componentes de uma entidade, sua situação no espaço, etc. Há predominância dos verbos de estado.	Propaganda, textos dissertativos.
Expor	Caracteriza-se pela análise ou síntese de representações conceituais numa ordenação lógica. Os tempos verbais são os do mundo comentado, e os conectores, predominantemente, do tipo lógico.	Texto expositivo, seminário, conferência, palestra, verbete, resenha, relatório.
Prescrever	Apresenta prescrições de comportamentos ou ações, tendo como principal marca os verbos no imperativo, infinitivo ou futuro do presente.	Instruções de montagem, receita, regulamento, regras de jogo, instruções de uso, comandos diversos, textos prescritivos.
Argumentar	Apresenta uma ordenação ideológica de argumentos e/ou contra-argumentos. Há predominância de verbos introdutórios de opinião.	Textos de opinião, carta de leitor, diálogo argumentativo, assembleia, debate.

Fonte: Koch e Elias (2012: capítulo 3).

Por fim, os alunos serão expostos à seguinte definição de gênero textual, proposta por Marcuschi (2010, p. 23):

Usamos a expressão gênero textual como uma noção propositalmente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sociocomunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica.

2.5. Atividade

Entregaremos à turma a letra da canção “Eduardo e Mônica”, de Renato Russo, gravada pela Legião Urbana, e os alunos deverão transformá-la em outro gênero. A atividade poderá ser feita em grupo ou individualmente.

2.6. Recursos

Folhas com os textos

Toca-CDs

Música “Eduardo e Mônica” – Legião Urbana

2.7. Tempo previsto

Uma hora e quarenta minutos

3. Conclusão

O público-alvo da EJA são jovens e adultos a partir dos 15 anos até a terceira-idade. Além disso, são recebidas pessoas com deficiência, apenados e jovens em conflito com a lei que não conseguiram começar ou continuar seus estudos.

Sendo esse público tão heterogêneo, é imprescindível a existência de profissionais capacitados que atendam as necessidades desses discentes, já que muitos provavelmente apresentarão certas dificuldades para acompanhar as aulas.

É importante que o professor da EJA saiba considerar os conhecimentos prévios de seus alunos, transmitindo-lhes também novas habilidades. Com isso, pode-se planejar uma aula de gêneros textuais, que conte com a participação turma, enriquecendo assim a aprendizagem.

Para que sejam obtidos os resultados desejados, faz-se necessário um trabalho dinâmico e preciso, no qual aluno e professor sejam coautores do processo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, M. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola, 2007.

BAGNO, M.; RANGEL, E. de O. Tarefas da educação linguística no Brasil. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Belo Horizonte, vol. 5, n. 1, 2005.

BECHARA, E. *Ensino da gramática: Opressão? Liberdade?* São Paulo: Ática, 2007.

BORTONI-RICARDO, S. M. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2007.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. São Paulo: Contexto, 2012.

MAINGUENEAU, D. Diversas competências. In: _____. (Org.). *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2001.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. São Paulo: Parábola, 2010.

PERINI, M. A. *Sofrendo a gramática*. São Paulo: Ática, 1997.